Ano XXIII — Lisboa, Abril de 1967 — N.º 264

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com "O Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs.: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 • Comp. e Imp.: Livraria Cruz — Braga

DO VÍCIO DO PROVISÓRIO À ARTE DE IMPROVISAR

Improvisar, ser capaz de agir de súbito, de tomar decisões rápidas em face do inesperado, constitui preciosa habilidade, autêntica arte; pressupõe a existência de faculdades excepcionais de domínio próprio; ampla visão; poder de concentração; capacidade de inteligência e raciocínio. Mas devemos ter o cuidado de não confundir estas aptidões com a tendência para preferir o provisório ao definitivo; o fácil ao trabalhoso; o empírico ao laboriosamente estudado.

O provisório é fruto da negligência ou da incapacidade. Adopta-se o provisório, o efémero, por se ter descurado o estudo criterioso dos problemas ou por falta de visão para prever os acontecimentos. Frequentemente, também se deposita demasiada e estulta confiança nas possibilidades de realizar de improviso. Talvez o nosso temperamento latino, a vivacidade e argúcia do nosso espírito, concedam uma certa facilidade de adaptação a situações imprevistas, mas essas qualidades, se existem, devem servir, e nunca substituir, os métodos de trabalho, a investigação perseverante, a ponderação, o planeamento.

Seria fácil ilustrar estes pensamentos apontando crises que afectam importantes sectores da vida nacional, crises tantas vezes emergentes da preferência dada ao provisório. Deixemos, porém, esse recurso à imaginação do possível Leitor, porque nos move apenas o interesse de evidenciar um defeito demasiadamente comum entre nós e, simultâneamente, apontar uma qualidade; defeito e qualidade que o educador deve identificar perfeitamente para poder corrigir um e desenvolver a outra.

Se o vício do provisório é hábito prejudicial, a capacidade de improvisação é muitas vezes necessidade imperiosa. Quando o imprevisto surge, importa agir desembaraçadamente e com acerto. Mas nestas situações de apuro, os obreiros do provisório falham, revelam-se ineficientes. Desabituados da ponderação, sem métodos de trabalho, sem treino na acção raciocinada, sem capacidade para elaborar planos ou fazer projectos, sucumbem frente às tarefas. São exactamente os outros, aqueles que se adestraram na acção e nela ganharam experiência,

Continua na pág. 6

A CENA DE UM AMANHECER

Um pequenino ruído, o ranger de uma porta, o cantar longínquo dum galo, o estalar do sobrado sob o pé cauteloso que nos não queria acordar... e ficamos ainda a adquirir a consciência do que nos cerca e do que se passa em nós.

Sim. Estivemos a dormir durante a noite, como que longe da vida e afinal dentro dela. Agora despertamos de vez. De um salto, saímos do leito. Convenientemente preparados, vamos ver um dos mais belos espectáculos que nos é dado gozar.

Pela janela, aberta de par em par, entra uma brisa fresca e agradável, duma madrugada de Primavera. Tudo está escuro ainda. Mas lá para o lado do Nascente percebe-se uma leve tinta alvacenta a espalhar-se em pinceladas irregulares. Recortam-se, pouco a pouco, nuvens de desenho caprichoso, como sumidade delas aparece uma franja de ouro pálido. Mais acima, uns farrapitos de nuvem vão-se rosando com uma suavidade que nos prende os olhos.

As estrelas que tinham iluminado a noite, formando grupos bizarros, vão agora empalidecendo, já para os lados do Poente. E a claridade acentua-se, a cor de opala torna-se cor de ouro, depois cor-de-rosa, depois cor de luz – que não se compara a coisa alguma. Luz! Maravilha de alegria e de bem-estar!

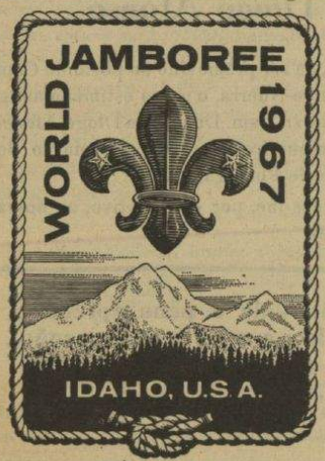
E o Sol irrompe, bisbilhotando os mais pequenos recantos da terra e do mar, vincando os traços do grande desenho da Natureza.

E eu exclamo: **«Quão magníficas são as Tuas obras, ó Senhor! Todas as coisas fizeste com sabedoria».**

Esse Deus, que criou tudo, criou os meus olhos, a minha alma, todo o meu ser. Eu amo-O, porque Ele primeiro me amou a mim e me ensina a amar. Eu oro a Ele, porque Ele se me revelou. Eu falo d'Ele, porque Ele me fala em tudo. Louvado seja Ele!

REV. EDUARDO MOREIRA

(Do «Raio de Sol»)



O JAMBORI MUNDIAL

está à porta!

Escoteiros de todo o mundo estarão reunidos em Idaho no próximo mês de Agosto

(Vide notícia na 5.ª página)

ANTIGOS ESCOTEIROS

A Fraternal promoveu uma reunião de confraternização

A fim de comemorar a realização da Assembleia Geral da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal que. em 11 de Março de 1950, aprovou o Regulamento da instituição e elegeu os primeiros Corpos Gerentes, efectuou-se, na sede da Fraternal, no dia 28 de Março p. p., uma reunião de confraternização, em que esteve presente um razoável número de membros desta organização e ainda uma família escotista brasileira, radicada em Nova Iorque, -- o sr. João Luís Gomes, que foi escoteiro no Rio Grande do Sul, no Brasil, de ascendência portuguesa, sua esposa, sr.ª D. Odarka, *akelá* da alcateia no Grupo n.º 434, de Nova Iorque, e seu filho Gabriel, escoteiro do mesmo Grupo.

Em Lisboa, onde estiveram em gozo de férias, encontravam-se também os outros filhos do casal, João Luís e Michael, ambos lobitos, e Nina, guia, que, no entanto não estiveram presentes na reunião.

A sessão decorreu animada, tendo usado da palavra o presidente da Direcção, o nosso amigo sr. Humberto Martins, que aludiu ao significado da reunião, e apresentou o sr. Dr. Eugénio Henrique Ramos, antigo e dedicado dirigente escotista, que leu a mensagem que noutro lugar publicamos na íntegra, tendo explicado, em considerações preliminares, que, como julgava que não poderia estar presente, as suas palavras tinham sido escritas com o intuito de serem lidas por outra pessoa.

Durante esta reunião, foram ainda projectados alguns documentários coloridos, filmados no último acampamento nacional, e ainda algumas peliculas de Charlot, que a assistência seguiu com muito interesse.

A excursão à Batalha e ao Entroncamento

Conforme noticiámos, realizou-se no dia 9 deste mês uma excursão à Batalha, promovida pela Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, que, desta forma, se associaram à interessante romagem à Batalha que anualmente vem sendo realizada pelos escoteiros do Grupo n.º 93, de Sintra.

Como fora prèviamente estabelecido, a partida foi dada, manhã cedo, junto à sede da Fraternal. O autocarro, com os excursionistas, todos eles revelando a melhor das disposições, partiu rumo a Torres Vedras, ao encontro dos dois autocarros do Grupo n.º 93.

Houve nova paragem nas Caldas da Rainha, onde vieram juntar-se automóveis com outros companheiros. Depois foi a caminhada até à Batalha.

No vetusto Mosteiro já se encontrava numeroso público, entidades oficiais, destacamentos militares, deputações de antigos combatentes e de estabelecimentos de ensino do Ministério do Exército, adidos militares estrangeiros, etc., que ali se deslocaram para celebrar a passagem do aniversário do histórico acontecimento.

Na cerimónia, tanto a Fraternal como o Grupo n.º 93 estiveram presentes com os seus estandartes, tendo a Fraternal deposto no túmulo do Soldado Desconhecido uma vistosa palma de flores, enquanto os escoteiros do «93» colocavam ali uma artística bilha de azeite, representando um tronco com um machado.

Foi uma significativa cerimónia e o «93» merece um aceno de simpatia pela bela iniciativa de levar a cabo esta simbólica peregrinação, a que a Fraternal, desta vez, se associou.

Debaixo de chuvada forte, os escoteiros seguiram para Tomar, onde almoçaram.

Na parte da tarde, o programa indicava uma visita ao Entroncamento, onde o Grupo n.º 84 realiza, desde há muitos anos, uma obra escotista de valor, pois a sua acção tem merecido o apoio não só do povo da vila, como até das entidades oficiais, que ao grupo têm oferecido protecção e carinho.

Como aliás se esperava, foi fidalga a recepção que o «84» dispensou aos membros da Fraternal, pois os autocarros do «93», por terem seguido itinerário diferente, só mais tarde ali chegaram.

Recebidos na sede daquela unidade escotista, instalada no próprio edifício dos Paços do Concelho, realizou-se então uma singela mas sentida sessão de boas-vindas, em que o sr. José Duarte Coelho, grande amigo do «84», de que é presidente, e antigo presidente do Município, cargo em que realizou obra perdurável, dirigiu saudações aos escoteiros e antigos escoteiros, lamentando que a sua passagem por ali fosse fugidia

Agradeceu o sr. Humberto Martins, presidente da Direcção da F. A. E., tendo usado da palavra ainda os srs. Aníbal Rodrigues Horta, chefe do «84», e Eduardo Xavier, antigo escoteiro.

Os excursionistas visitaram depois o quartel dos Bombeiros Voluntários, onde foram recebidos pelo seu Comandante e por outros membros da Corporação

O nosso camarada sr. Luís Simões Aurélio, em palavras sentidas, fez o elogio do espírito de serviço revelado pelos bombeiros, que comparou com o espírito escotista, afirmando que se nem todos os escoteiros são bombeiros, pode afirmar-se, contudo, que um bombeiro é sempre um escoteiro.

A seguir, o sr Presidente da Câmara recebeu, no salão nobre dos Paços do Concelho, os elementos da caravana, tendo convidado, para compor a mesa, os srs Humberto Martins, presidente da Direcção da Fraternal, Eduardo Ribeiro, director de «Sempre Pronto», Eduardo Xavier, antigo escoteiro, Albano da Silva, secretário geral da A. E. P., Capitolino Ferreira Macedo, administrador de «Sempre Pronto», e Aníbal Rodrigues Horta, chefe do «84».

O sr. presidente do Município, sr. Eugénio Dias Poitout, antigo escoteiro do grupo n.º 84, manifestou enorme júbilo pela presença dos forasteiros, muitos deles caras conhecidas que revia com prazer, naquela terra de gente simples e trabalhadora, terra nova pois não conta de existência mais anos do que a idade de muito dos presentes, mas onde se tinha operado, não um fenómeno daqueles que os jornais têm falado, mas um fenómeno de alma humana. Terminou, aludindo ao prestígio alcançado pelo escotismo entre os habitantes daquela laboriosa vila.

O sr. Presidente da Fraternal agradeceu as palavras do sr. Presidente da Câmara e manifestou o agrado com que o orador tinha sido escutado por todos os presentes. Terminou, trocando elogiosas referências à actividade do Grupo n.º 84.

Finda a sessão, o sr. Presidente da Câmara despediu-se pessoalmente de todos os visitantes.

Houve ainda uma visita às instalações da Biblioteca Municipal.

Após esta agradável passagem pelo Entroncamento, os excursionistas empreenderam a marcha de regresso a Lisboa, com uma paragem em Santarém, para o jantar.

Assim terminou esta bela excursão, realizada sempre em bom ambiente de satisfação, apesar do mau tempo que, por vezes, se fez sentir.

Rapaz inteligente e com sorte



Christopher Horn, de 12 anos de idade, escoteiro do 26.º Grupo, de Ipswich (Inglaterra), participou num concurso organizado por uma fábrica de gelados e ganhou umas férias formidáveis, não só para ele como também para sua mãe e três irmãs.

Reservado a rapazes e raparigas de idade inferior a 14 anos, o concurso obrigava a responder a perguntas relacionadas com viagens no espaço aéreo. Além disso, havia que apresentar uma exposição (ponto escrito) através da qual se desse a conhecer a razão por que o concorrente desejava ir à Lua.

Em 1 de Dezembro, a nossa bela família Horn lá marchou para uma viagem que levou 16 dias, tendo visitado Nova Iorque (já se sabe) e vários outros pontos da América, como Miami e Bahamas, e as famosas instalações de Cabo Kennedy.

Que sorte!...

Nova forma de apresentação dos escoteiros

Lê-se numa revista inglesa:

Ao que parece não é só no nosso país que se vão introduzindo modificações no uniforme. O Canadá, por exemplo, mudou a cobertura de cabeça dos seus escoteiros... Num recente número da revista SCOUT LEADER, apareceu o anúncio do Serviço de Material e Uniformes, dando pormenores da «nova boina escotista». Fabrica-se em 3 cores: verde, para os escoteiros; verdete, para os seniores; e vermelho para os caminheiros.

De todos os países do Mundo, teríamos dito que o Canadá, a pátria da Polícia Montada, viria a ser a última a abandonar o tradicional chapéu de abas largas!...

Bem, bem, os tempos mudam...

Comandante Domingos Diogo Afonso

Acaba de ser promovido ao posto de Capitão-de-Mar-e-Guerra, o nosso estimado amigo e assinante, sr. Com. Domingos Diogo Afonso, ilustre Tesoureiro-Geral da Associação dos Escoteiros de Portugal.

Enviamos-lhe, por este motivo, as nossas felicitações.

Não vale a pena aprender a falar e a escrever senão para dizer e escrever a verdade.

Gratry

PALESTRA DO DR. EUGÉNIO HENRIQUE RAMOS
na Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal

Bons Companheiros e Amigos!

Não quis, uma vez mais, sacrificar ao que dispensaria — o estar longe —, aquilo que desejaria — o estar perto de vós.

Por isso, ainda que distante, pretendo mostrar-vos que penso que nunca me achais ausente, tal como eu sempre me sinto presente.

Espero dar-vos assim a explicação deste meu gesto atrevido de vir, por esta forma, até junto de vós. Faço-o, porém, movido pelo entusiasmo que em nós desperta toda a manifestação de vida da nossa Fraternal.

Um punhado que se recusa a deixar-se vencer pelas dificuldades

Talvez o número de circunstantes não seja de molde a impressionar os que, habituados às grandes manifestações, iludidos pelo número, esquecem que essas, muitas vezes, não passam de meros ajuntamentos de pessoas e muito raramente são conjuntos de corações.

Sereis, acaso, poucos, aqueles a quem neste momento me sinto junto, mas não voluntários à força. Sois um punhado que teimosamente se recusa a deixar-se vencer pelas dificuldades de sobrevivência da nossa Fraternal, num esforço que constitui a melhor expressão de uma acrisolada devoção a um ideal digno e elevado como é o nosso.

Ora, creio que manifestação alguma pode revestir-se de mais belas cores do que esta em que vos encontrais e em que eu me encontro também, com o legítimo anseio de manter bem vivo o sentimento de respeito por princípios que, em jovens, aprendemos no Escotismo e com o desejo de, graças à nossa persistência, contribuirmos para que não caia no esquecimento este belo Movimento.

Permita-se-me, por tudo isso, que vos traga esta humilde mas sincera saudação. Faço-o por considerar sempre valiosas as nossas, ainda que modestas, reuniões, porque activas, no sentido de que, permitindo-nos felizes momentos de convívio, mais nos ligam por laços que nem por serem velhos se quebram, nem por serem livres afrouxam. E isto porque nelas continuamos porfiando, lado a lado, nos anseios de todos, em busca de uma via que, inegàvelmente, será a melhor para que, mesmo se eles forem menos, sejam cada vez melhores. E melhores porque tal via será indicada pela bússola orientadora do nosso Movimento, seguindo sempre a pista que nos conduza à realização da sua aspiração máxima: a formação de verdadeiros homens, em ambiente exclusivista de lealdade, camaradagem e jovem — para que sempre fervoroso — entusiasmo.

A sociedade impõe-nos que sejamos guiados por uma vocação decidida e por um altruísmo sincero

Como disse Mac Arthur: «A juventude não é um período da vida; ela é um estado de espírito, um efeito da vontade, uma intensidade emotiva, uma vitória da coragem sobre a timidez, do gosto da aventura sobre o amor do conforto». *Pois bem: tudo isso nós aprendemos no Escotismo e continuamos a sentir ao longo da nossa marcha pela vida que nos conduziu a esta união. Por isso, somos da Fraternal dos Antigos Escoteiros. Só por isso se justificaria a nossa Fraternal!*

Mas além disso, as dificuldades que a sociedade nos gera neste mundo de cobardia, de mesquinhez e de interesses impõe-nos que sejamos guiados por uma vocação decidida e por um altruísmo sincero, com os quais nunca os tempos são difíceis, ou, ainda que o sejam, pouca dificuldade se terá em encontrar neles o lugar e a missão que nos compete.

Tudo isto nós aprendemos no Escotismo. Por isso somos a Fraternal dos Antigos Escoteiros, sem que sejamos escoteiros velhos, pois no Escotismo não há novos ou velhos escoteiros, mas apenas e sempre escoteiros.

O nosso Ideal? A realização de um mundo em que os homens se hão-de tornar não só livres mas verdadeiros homens

Como disse aquele mesmo general, dirigindo-se a jovens: «Não nos tornamos velhos por termos vivido um certo número de anos. Tornamo-nos velhos, sim, por desertarmos do nosso Ideal».

E qual é o nosso Ideal? A realização de um mundo em que os homens, pelo domínio das forças da natureza, mercê das maravilhosas realizações da técnica, se hão-de tornar não só livres mas verdadeiros homens. Homens que, como já alguém descreveu «não possam comprar-se nem vender-se; homens que sejam fiéis e honestos até ao limite das suas almas... homens que não temam chamar o pecado pelo seu nome e cuja consciência seja tão fiel ao Dever como a bússola ao Pólo».

Consinta-se-me, pois, o voto que esta nossa reunião seja um passo mais para que o nosso desejo se fortaleça e na sua força nos fortaleça.

Saibamos, porém, não ficar no desejo, lembrando o pensamento de Herculano: «O desejo mede os obstáculos; a vontade vence-os».

Queiramos, portanto, e saibamos querer para que, embora medindo os obstáculos, saibamos vencê-los na felicidade da missão cumprida, devolvendo aos novos o que em novos recebemos.

A nossa única razão de existir: a Fraternidade

Muito há para fazer e só não faremos muito se não soubermos, porque todos o queremos... mas sabê-lo não é difícil se realmente o quisermos. Bastará que — se de mais não formos capazes — saibamos oferecer aos novos um exemplo de compreensão, de amizade, de união, de camaradagem, como prova da vossa verdadeira crença nos destinos do Escotismo e confiança nos princípios defendidos, mostrando essa crença e confiança através da convicção com que os aplicamos, não só para com os outros, mas começando por nós próprios. Como diz o nosso bom povo: «a caridade bem entendida deve começar por nós»... *e caridade — que me perdoem as susceptibilidades — não é simplesmente dar esmola, a menos que esta seja digna e humana. Ora, só será digna e humana se traduzir um acto, não de meramente dar o supérfluo, mas de espalhar o que mais falta: a solidariedade, a lealdade e sinceridade, a cordialidade, em suma, aquilo que é e tem de ser a única razão de existir: a Fraternidade!*

Bons Companheiros e Amigos: Não há dúvida que não vos deixei que me sentísseis ausente, mas quero evitar que me considereis maçador. Consequentemente vou findar a minha singela e humilde, embora bem sentida mensagem. Faço-o com uma igualmente simples, mas sincera, saudação que, portanto, é de saudade, embora também de esperança. Saudade pela vossa companhia, esperança pelo futuro da nossa Fraternal que, numa síntese de amizade e fraternidade, se transforma num profundo desejo de Felicidade para todos, com Paz, Saúde, Alegria, Abundância.

Fraternalmente,
vosso Companheiro

EUGÉNIO RAMOS

FILATELIA

Selos e Catálogos Temáticos (2)

Por

José Manuel Mendes Marques

(Conclusão)

CHECOSLOVÁQUIA — Por ocasião de um jambori internacional em Praga, foram emitidos, em 5 de Novembro de 1918, dois selos com carácter semioficial, sendo o primeiro de 10 h., azul, e o segundo de 20 h., vermelho. O posto de correio oficial, a funcionar no Campo, aceitava-os como franquia, mas em correspondência destinada exclusivamente a território nacional.

A 21 de Dezembro do mesmo ano, quando da visita, ao Campo, do presidente da República, Mazarik, aqueles selos foram postos a circular com a sobrecarga alusiva «Prijezd Presidenta Mazaryka» a vermelho e a azul, respectivamente. Dos primeiros, foram emitidos 20 000 exemplares de cada e circularam de 7 a 25/11/1918, e dos segundos, que apenas circularam no dia da visita presidencial, sòmente 600 de cada.

TURQUIA — Ambos os selos referidos apresentam um escoteiro sob a bandeira do Crescente Vermelho — similar da Cruz Vermelha — e, embora de assistência, o seu uso foi obrigatório durante certo período.

O primeiro, de 40 ks., faz parte da série de 8 valores emitida em 26/8/1946, e o segundo, da mesma taxa e série emitida em 15/1/1949, mas com a sobrecarga vermelha «Sefkat Pulù» (selos de beneficência).

(Do «Boletim do Clube Filatélico de Portugal»)

O Inquérito de «Sempre Pronto»

As manifestações de aplauso, que continuam a chegar até nós, dão-nos a certeza de que não decresceu o entusiasmo que esta nossa iniciativa despertou nos meios escotistas.

Este mês pretendíamos publicar uma interessante sugestão que nos foi apresentada acerca da organização, em moldes originais, da Divisão dos Caminheiros. Porém, uma excepcional acumulação de originais impede-nos de a publicar neste número, o que faremos no próximo mês.

Também contávamos publicar, neste mês, um depoimento do nosso estimado amigo e colaborador sr. José Manuel Pereira, chefe do Grupo 60, de Vila Real de Santo António, e do Núcleo de Sotavento do Algarve. Porém, este nosso amigo pediu-nos a sua devolução, a fim de lhe dar um maior desenvolvimento, o que nos inibe de lhe dar imediata publicidade.

Damos, assim, à estampa um interessante trabalho do subchefe do Grupo 93, de Sintra, sr. Mário Luzano Pereira Leite, o qual responde ao nosso inquérito, focando o estudo dos problemas sob uma forma bastante diferente daquela como até aqui tem sido apreciada. Esta faceta dá ao trabalho um valor que não será demais realçar.

Porque não vamos construir de novo? Porque não vamos reconstruir o Escotismo da A. E P. em bases sólidas, verdadeiras e precisas? — pergunta o E. C. Mário Luzano Pereira, subchefe do Grupo 93, de Sintra.

Revestem-se, no momento, de certa delicadeza, as três questões postas pelo inquérito de SEMPRE PRONTO, muito principalmente se desejarmos responder-lhes com OS PÉS ASSENTES NO CHÃO, em letra de forma...

Não se veja, pois, no meu depoimento, qualquer desejo de ofender ou destruir o que alguns, laboriosamente, conseguiram; antes, e só, uma modesta achega para a revalidação do Movimento Escotista (A. E. P.), em Portugal.

Modesta... e sincera.

Logo, a resposta à primeira questão só poderá ser uma e um tanto «dura»: é que o nosso Escotismo não serve a ninguém. NINGUÉM, os de fora ou os de dentro! E é verdade: qualquer pessoa, de qualquer categoria social ou profissional, como quer que se encontre na vida, sente, digamos vaidade em pertencer — e em declará-lo pùblicamente —, sente vaidade, dizia, em pertencer a um tal clube de futebol, àquela associação recreativa, a esta e mais a qualquer outra; paga, sem regatear, o que lhe exigem; oferece e dá o que pode; está sempre presente, ostenta custosos emblemas de diamante e oiro; toma partido e guerreia, na oficina, nos transportes, no escritório, no café ou no gabinete..., quem não conhece estas acesas lutas de opinião? Do nosso Escotismo... nada, ninguém, nenhum!

Não há orgulho nem vaidade, para o grande público em a ele pertencer: não é conhecido, não é discutido, nem discutível...

De acordo?

O Escotismo A. E. P. não tem nem dá prestígio a quem nele queira ingressar (entenda-se, nos lugares de Direcção e Chefia — o nosso Presidente, o nosso Escoteiro-Chefe-Geral e mais um ou outro, pessoas de prestígio nos meios sociais e com lugar de relevo na Vida Nacional, são desconhecidos, ou quase, como elementos do Movimento).

Razões?

Deixaram-no descer muito; ensimesmou-se; copiou o passado e tradicional, em vez de se projectar para o futuro; faltou-lhe, e falta-lhe, uma propaganda adequada, incidente, prudente e séria; e, finalmente, as actividades «negativas» com que se vai brindando o público.

E, para que se deseja todo aquele prestígio? para que queremos que venham até nós todas essas pessoas entusiásticas, importantes, com lugar na vida?

Uma só razão e primeira — DINHEIRO!

São eles, os que se sentiram prestigiados em pertencer ao Movimento, que no-lo hão-de proporcionar; são eles que o deverão entregar, VOLUNTÀRIAMENTE, E CIENTES do fim a que se destina.

Precisamos de dinheiro para atender os rapazes nas suas necessidades e desejos de jovens ávidos de experiência; e de Chefes, para os encaminhar, treinando, no alto sentido cívico do Movimento.

Para mais, falta-nos, uma ou duas gerações inteiras de Chefes. De há vinte anos para cá, na forja dos Grupos nada se produziu; o lugar onde eles, naturalmente, devem nascer nada deu.

.·. umas tantas vontades, uns tantos nomes que por cá andam (e existem dos bons!), uns tantos esforçados... são poucos e soçobram na voragem da mediania, da vaidade e da ignorância.

Chefes...

Que dás aos teus rapazes de alegria? de juventude? de viver a vida?

O rapaz quer movimento, e damos-lhe os achaques do Chefe; o rapaz admira e olha a electrónica e a conquista do espaço, e damos-lhe o homógrafo (só o 1.º ciclo!) e a conquista das escadinhas lá do bairro; o rapaz quer música moderna, trepidante como a sua própria vida, generosamente, em expansão, e damos-lhe uma canção de adormecer meninos (todos têm que a saber, pois cantava-se em mil novecentos e pouco... nos meus tempos... — tradição);

Já reparaste, velho Chefe, que nas tuas saídas para o campo apenas demonstraste a primeirissima qualidade do teu reumatismo (ou aquela já célebre dor nas costas...)? Já reparaste que, sempre que chegas tarde a uma reunião de Sede, foi em virtude dos teus afazeres profissionais? ou do teu bebé que não quis papar a papinha toda? Já reparaste que os teus rapazes sabem perfeitamente que és muito versado em nós e em primeiros socorros (até tens um curso de D. C. T.)? Já reparaste que, sempre que tens de impor silêncio, terás, invariàvelmente, de concluir pela má educação, pela indisciplina ou falta de consideração dos teus rapazes? Já reparaste que, além dos bolos do Natal ou do aniversário do Grupo e do ensino do homógrafo, nada mais lhes deste? Já reparaste que eles não podem ser homens, sem serem primeiro meninos?

Ès capaz de te debruçares para o Rapaz com a mesma comunhão de pensamentos com que te inclinas ante Deus? A tua vida privada e pública é exemplar? Podes mostrá-la sem te apontares, ou terás de, a cada passo, citar S. Jorge, o Condestável ou S. Francisco?

A tua idade... a tua vida exemplar...

Se não podes responder em consciência, dum modo válido, passa já, MAS JÁ, à Direcção do teu Grupo, onde há muito que fazer, e deixa a Chefia onde, por muito que te esforces, nada fazes no sentido positivo.

Se se pode fazer algo?

Certamente.

Haja vontade, procurem-se, que aparecerão as pessoas; haja coragem para separar o trigo do joio, que a coisa vale a pena.

Moralizemos, procuremos prestígio e actualização, faça-se uma adequada propaganda e estou certo de que conseguiremos arrastar o nosso Escotismo a um lugar com o nível a que tem direito.

Os princípios foram, são e manter-se-ão válidos. Se algo há que emperre a engrenagem, e esse algo está em nós próprios — retiremo-nos; mas se, nós mesmos, por sentirmos que alguma coisa há que possamos oferecer para a juventude, por que não arregaçar as mangas e agir? E por «arregaçar as mangas e agir» deverá significar-se:

> — abandono de velhas questões pessoais e métodos inadequados ao espírito do Movimento Escotista; afastamento voluntário (antes do imposto) dos que não querem ou não podem dedicar-lhe todo o tempo livre que a isso, voluntàriamente, desejam dedicar; prestigiar o Movimento pela presença e pelas atitudes; e... trabalhar, trabalhar.

Não acham, Caros Senhores, de que «tudo vale a pena»?

... e acho que sim... pois é tão pouco...

E, para já, a pista, o caminho a seguir é prestígio, dinheiro, chefes e desenvolvimento.

Em boa verdade, parece-nos, o processo mais simples seria remontar ao princípio e começar de novo, como se só agora tivéssemos recebido a BOA NOVA de Baden-Powell, e construir, pedra a pedra, o edifício que pode ser construído e que é pena não se construa, porque vale o sacrifício.

Vamos esquecer o que se fez, o que se disse e o que se pensou: a partir de determinada altura, somaram-se os erros, avançou-se num sentido por demais negativo, cavando e aprofundando a cada momento, o abismo onde afundamos o Movimento. Salvemo-lo, porque o podemos fazer.

Iremos, ainda a tempo? Nunca é tarde para começar... ou recomeçar...

Porque não reconstruir de novo?

Porque não vamos reconstruir o Escotismo A. E. P. em bases sólidas, verdadeiras e precisas?

É tão simples! Basta desejar... mas desejar sem problemas de espécie...

Para finalizar! Note-se que, nem por um momento, citei qualquer das tão massacradas premissas:

— ... a falta de rapazes...
— ... a T. V....
— ... o futebol, o cinema...
— ... os bailes...
— ... os «outros tempos»...
— ... a problemática actual da juventude...

— ... é que elas nada têm que ver com o desenvolvimento e dignificação do Escotismo A. E. P....

... em minha opinião, entenda-se.

MÁRIO LUZANO PEREIRA LEITE

O XII Jambori Mundial dos Escoteiros

está à porta!

Estamos a poucos meses do XII Jambori Mundial dos Escoteiros, pois que se realizará de 1 a 9 do próximo mês de Agosto.

Será difícil certamente a participação de escoteiros portugueses, visto que o grande acampamento se efectuará nos Estados Unidos da América, no Idaho, um dos estados do noroeste da Confederação Americana, junto da fronteira com o Canadá.

Foi escolhido para cenário do Jambori o Farragut State Park, junto do Lago de Pend Oreille, em plenas Montanhas Rochosas, local que reúne efectivamente invulgares condições para uma reunião escotista deste género, o que, aliado às suas inegáveis belezas naturais, dará ao Jambori um ambiente de eleição.

Com este Jambori Mundial, será comemorado o 60.º aniversário do célebre acampamento que Baden-Powell realizou na Ilha de Brownsea, a verdadeira origem do Movimento Escotista.

O lema do acampamento será «... Em prol da Amizade» e os organizadores estão envidando os maiores esforços para que todas as associações escoteiras promovam na altura do Jambori, acampamentos nacionais ou regionais, ou mesmo de grupos, para que assim os escoteiros de todo o mundo estejam simbòlicamente presentes no Jambori.

Os Grupos de Escoteiros e o Jambori

Outra sugestão: em cada grupo de escoteiros deve fazer-se um quadro, encimado pela legenda «*XII Jambori Mundial dos Escoteiros*», onde seja exposto todo o material relacionado com o Jambori: a insígnia do acampamento; um mapa do estado de Idaho, assinalado no local do acampamento; um mapa-múndi com as bandeiras de todos os países onde exista o movimento escotista organizado e a localização da ilha de Brownsea; recortes, de jornais e revistas, de notícias acerca do Jambori; a fotografia e ligeiras notas biográficas de um escoteiro da região que porventura tome parte no acampamento, etc.

Na Inglaterra está-se também preparando uma reconstituição do acampamento de Brownsea, actividade que será incluída nas comemorações do XII Jambori Mundial.

A organização do Jambori

A Boy Scouts of America, a associação escotista norte-americana, está pondo em movimento a sua poderosa organização, a fim de que aos forasteiros sejam oferecidas as maiores facilidades no acesso a Farragut Park. Assim, tanto nos portos como nas cidades em que os participantes estrangeiros derem entrada em território americano, haverá serviços de recepção, os quais fornecerão aos escoteiros todas as informações necessárias e assistência na sua deslocação até ao Jambori.

Além disso, haverá acampamentos, e até aboletamento em casas particulares, para os escoteiros, nas duas semanas que precedem o Jambori, bem como nas duas seguintes ao seu termo.

Estão-se delineando alguns itinerários turísticos, a sugerir aos forasteiros, para visita aos locais de maior relevância, quer no aspecto de belezas naturais, quer no de interesse histórico.

A divulgação das reportagens do Jambori

Durante o acampamento, haverá programas especiais, radiofónicos e de televisão, com destino a todas as partes do mundo. Para o efeito, serão utilizados satélites artificiais e efectuadas gravações sonoras e filmagens.

Enfim, mais uma vez o Movimento Escotista Mundial demonstrará a sua grande força e o papel que desempenha na aproximação entre a juventude de todos os países, quer através da participação efectiva no Jambori, quer numa participação apenas de aspecto simbólico ou espiritual.

São estes os objectivos que se pretendem alcançar, aliás bem expressos no lema «... Em prol da Amizade», escolhido para inspirar esta grande festa dos escoteiros.



Carlos Alberto da Silva Morais (Cobé)



Mais um escoteiro que tomba pela Pátria no cumprimento do dever.

Em 9 de Março último, quando combatia junto da fronteira norte da nossa província de Moçambique, foi ferido mortalmente o escoteiro Carlos Alberto da Silva Morais, que entre os seus amigos e companheiros era chamado o *Cobé*.

Carlos Alberto Morais era um dedicado escoteiro do Grupo n.º 9, de Lisboa.

Como homenagem a este bravo combatente, a Direcção dos Escoteiros de Portugal concedeu-lhe, a título póstumo, a *Medalha de Abnegação*, classe prata.

Sempre Pronto expressa condolências muito sentidas à Ex.ma Família do extinto, bem como aos escoteiros do Grupo n.º 9, pelo infausto acontecimento.

Curso de monitores de segurança

por correspondência

O Centro de Prevenção de Acidentes de Trabalho e Doenças Profissionais vai dar início a um novo curso de monitores de segurança por correspondência.

Os interessados devem inscrever-se, urgentemente, no referido Centro, na Rua do Telhal, 12-4.º Dt.º, em Lisboa, ou pelos telefones 50527 e 538794.

NOVOS AMIGOS DE "SEMPRE PRONTO"

Sempre Pronto, *jornal modesto, jornal de escoteiros, pode orgulhar-se de um título de verdadeira nobreza: a amizade que lhe consagram os seus leitores. Se, acaso, se avolumam as dificuldades à sua volta e a continuidade da sua publicação fica sujeita ao jogo dos meios pecuniários, aí estão os seus Amigos, com toda a espontaneidade e generosidade, a oferecer ao* **Sempre Pronto,** *ao SEU jornal, a quota-parte da sua contribuição para que a publicação não sofra impedimentos.*

É o que vem acontecendo, mês após mês, e agora é expresso pela atitude do nosso estimado amigo e assinante sr. Dr. Adelino Vieira Pimentel, de Angra do Heroísmo, que, ao enviar-nos 50$00 para o pagamento da sua assinatura, vem confirmar a sua categoria de PATROCINADOR DESTE JORNAL.

O mesmo acontece com o nosso prezado amigo sr. Mário Augusto, pai do saudoso escoteiro Eurico de Jesus Augusto, do Grupo n.º 10, que caiu, ao serviço da Pátria, em 1964, na Guiné.

Mais dois PATROCINADORES conta este jornal. Onde encontraremos palavras para agradecer tais provas de dedicação?

Do vício do provisório à arte de improvisar

Continuação da pág. 1

que se mostram capazes de assumir o comando, dominar a situação e proceder criteriosamente. Assim como só é capaz de discursar de improviso e com sabedoria o orador que fala daquilo que bem conhece, também só é eficiente ao actuar de súbito o homem que se encontra preparado, adestrado, sempre pronto.

Um antigo escoteiro nosso amigo viu-se, certa vez, confrontado com uma situação bem trágica, que o forçou a procurar refúgio num barco estrangeiro onde foi encontrar muitos outros seus compatriotas que o tinham precedido e se encontravam completamente paralisados pelo terror. Num relance, inteirou-se da situação e tomou conhecimento com os presentes, dirigindo-se depois à presença do comandante, onde fez a sua apresentação e pediu hospitalidade. Aquele homem do mar não conseguiu ocultar a satisfação que lhe causava aquele gesto, pois era o primeiro refugiado que cumpria esse dever. E acrescentou que estava pronto a oferecer protecção aos portugueses que se tinham acolhido à sombra da sua bandeira, mas preveniu que não dispunha de tripulação suficiente para prestar assistência a tão grande número de pessoas. O nosso companheiro, fazendo prova das suas capacidades, informou aquele oficial de que a bordo se encontravam um médico, um enfermeiro, um padeiro, pessoas capazes de fazer a cozinha e prestar outros serviços. Ao ouvir tão útil e esclarecida informação, o comandante, encantado com a eficiência do seu interlocutor, volta-se para os oficiais e exclama: *Aqui está o homem de que tínhamos necessidade!* E nomeou-o imediatamente seu representante junto dos refugiados.

O protagonista desta aventura, brilhante arquitecto e figura ilustre com altas responsabilidades oficiais, não hesita em concluir o seu relato testemunhando com orgulho que deve ao Escotismo esta preparação para agir eficientemente, mesmo de improviso. Foi o Escotismo — afirma ele — que preparou o seu espírito para vencer nas tarefas mais difíceis que tem sido chamado a desempenhar.

Dizia Baden-Powel que o *papel do Escoteiro Caminheiro é aprender a estar pronto e a saber o que convém em caso de emergência, a bem dos outros.* O grande objectivo do Escotismo é preparar a juventude para a grande tarefa da vida. Sem preparação não há êxito. É ainda B.-P. que esclarece que é preciso estar «*pronto*» *e não apenas disposto; há muita gente disposta, mas quando chega a ocasião, verifica-se muitas vezes que nunca aprenderam o preciso e são por isso inúteis.* Convém, no entanto, esclarecer que esta conquista de aptidões, este preparo, não é apenas a conquista de um diploma, a terminação de um curso, mas, para além das habilitações intelectuais e profissionais, o desenvolvimento das qualidades de carácter que permitem fazer face a todas as circunstâncias.

Tal como reconheceu o comandante daquele barco, o homem realmente «pronto» é aquele de quem toda a gente tem necessidade. Ele faz falta no Estado, na Repartição, na Universidade, no Comércio, na Indústria, no Lar. O Escotismo forma homens desta têmpera e, por isso, é um Movimento válido para a educação da juventude. Errados andam aqueles que não sabem aproveitar os privilégios desta Escola. Convidamo-los a escutar o testemunho dos Antigos Escoteiros para que tenham a certeza de que este Movimento pode ser muito útil na hora presente aos altos desígnios que se oferecem à nossa Pátria. Portugal precisa de homens «prontos» e o Escotismo pode ajudar a formá-los.

A ideia de preparação, de estar sempre pronto *para todas as eventualidades, faz parte da filosofia do Escotismo. O Escoteiro, através de um programa de provas de classe progressivas, é levado a treinar-se em diversas circunstâncias. Ele sabe pregar um botão, passajar um rasgão, cozinhar alguns pratos, prestar o primeiro socorro, fazer um nó, orientar-se na escuridão, sabe observar, ver sem ser visto, etc., etc. Coisas de aspecto insignificante, mas que, em certas ocasiões da vida, resolvem pequenos problemas que são suficientes para desorientar o homem que não está preparado.*

No Escotismo não é admissível o provisório. O Conselho de Patrulha escolhe os escoteiros que no próximo acampamento farão a cozinha, irão à água, efectuarão as compras, desempenharão os serviços. Nenhuma coisa é deixada ao acaso. Quando se arma a tenda, cada membro da patrulha sabe o lugar que lhe compete e, por isso, em dois ou três minutos a tenda está eficientemente levantada.

O Conselho de Guias delineia todos os programas de actividade, estabelece horários, regulamenta, prevê. O rapaz é assim habituado a agir com método e a resolver com ponderação. É neste clima que a cada um é dada oportunidade para assumir responsabilidades e executar missões, que adestrarão as suas faculdades, treinarão as suas aptidões e farão dele um homem sempre pronto.

Em certos Grupos, usa-se ainda levar o Escoteiro a fazer mensalmente o seu orçamento individual, para que ele saiba orientar as suas despesas de harmonia com as receitas.

O Dirigente escoteiro deverá estar atento à necessidade de intensificar este treino e simultâneamente proporcionar oportunidade para que cada rapaz tenha uma tarefa a cumprir. Talvez o serviço que lhe seja entregue não seja tão bem desempenhado como seria pelo Chefe ou pelo Guia de Patrulha, mas o importante é que o rapaz o execute e ganhe experiência. Escotismo é essencialmente preparação e adestramento.

AS CRIANÇAS

e a necessidade de brincar

● **As crianças têm necessidade de brinquedos que possam amar, a que se dediquem activamente e que desenvolvam o seu sentido criador. Os brinquedos que elas amam, tais como as bonecas e os animais, favorecem as suas necessidades de afeição; os brinquedos para exercícios físicos são um meio de treino e conhecimento dos seus músculos. Graças ao brinquedo, a criança adquire e cultiva certas aptidões que mais tarde lhe serão necessárias.**

Tendo em conta estes aspectos, foi recentemente realizada, pela primeira vez na Áustria, uma exposição denominada «OS BRINQUEDOS QUE CONVÊM AOS NOSSOS FILHOS», organizada pela Knittelfeld Consummer Co-operative Society, em colaboração com o director da Secção de Psicologia da Criança e do Adolescente do Instituto de Psicologia da Universidade de Viena. Esta exposição foi em seguida montada noutros estabelecimentos cooperativos.

De «*Co-operative News Service Konsumverband*», através do «*Boletim Cooperativista*».

● **«Os animais são importantes para o desenvolvimento mental e social das crianças» — afirma um psiquiatra, o dr. John I. Langdell, de S. Francisco da Califórnia.**

«O possuir e cuidar de um animal desenvolve nas raparigas o instinto maternal, e os homens, que em crianças possuíram e cuidaram de animais, acham muito mais fácil amar a mulher e os filhos» — salienta este psiquiatra, que considera os animais excelentes meios para as crianças tomarem os primeiros contactos com o sexo, o nascimento e a morte.

Do «*Diário de Lisboa*»

● **Quem sabe lá quantos sonhos os brinquedos fazem nascer na alma das crianças?**

Anatole France

PUBLICAÇÕES

O nosso Cancioneiro

Acaba de ser editado o 1.º fascículo desta publicação, cuja falta tanto se fazia sentir, para a uniformização dos cantares escotistas da A. E. P.

É o resultado dos esforços de vários colaboradores, ao longo de alguns anos, a que estiveram ligados, no início, alguns elementos afectos a Sempre Pronto, mas agora concretizado através das Edições Escotismo, a quem foram entregues todos os elementos inicialmente obtidos.

Preço de cada fasciculo (para aquisição ou assinatura) . . . . . 10$00

Cada fascículo contém 10 canções (música e letra), com excepção do 1.º que apenas tem 6 canções, mas publica a capa e a apresentação.

Os dois últimos fascículos serão enviados aos adquirentes à medida que foram sendo publicados.

Prevêem-se descontos de 10% para as compras de mais de 10 exemplares.

Podem ser adquiridas as folhas que contêm apenas as letras, ao preço de 2$00 por 10 folhas, ou de 18$00 por 100 folhas, ou ainda de 30$00 por 200 folhas.

Os pedidos podem ser dirigidos ao:

Serviço de Material e Uniformes
Serviços Centrais da Associação
dos Escoteiros de Portugal

Rua de S. Paulo, n.º 254-1.º.
LISBOA-2.

IMPRENSA

«Diário da Manhã»

Este jornal matutino de Lisboa, comemorou, no dia 4 do corrente, o seu 36.º aniversário, motivo por que dirigimos aos senhores Drs. Barradas de Oliveira e João Patrício, respectivamente director e director-adjunto daquele importante diário, as nossas felicitações, que tornamos extensivas a todos os seus colaboradores.

«Diário de Lisboa»

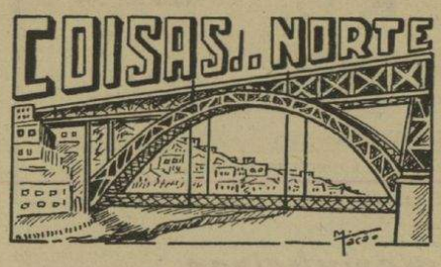
Também o «Diário de Lisboa», conceituado órgão da Imprensa da Capital, comemorou mais um aniversário — o 46.º — no dia 7 do mês em curso.

Aproveitamos o ensejo para felicitar todos quantos oferecem a sua colaboração a este importante jornal, em especial aos senhores Drs. Norberto Lopes e Mário Neves, seus dedicados director e director-adjunto.

«Mundo Desportivo»

Este trissemanário desportivo, que se publica sob a direcção do sr. Dr. J. M. Boavida Portugal, completou em 6 do corrente, o 22.º aniversário.

Aproveitamos o ensejo para felicitar quer o seu director, quer todos os outros colaboradores.



Grupo n.º 4 — Paranhos — Porto

CHEFIA DO GRUPO — Por motivos de saúde, deixou a chefia deste grupo, o nosso estimado amigo e assinante sr. António Barbosa.

«*Sempre Pronto*» faz votos por um rápido e completo restabelecimento e agradece os cumprimentos que este amigo se dignou dirigir-lhe.

POSSE DE NOVOS DIRIGENTES — No dia 2 deste mês, na sede do grupo, realizou-se a cerimónia da posse dos novos dirigentes desta unidade escotista.

Dirigiu a solenidade, o sr. Irineu Cunha, presidente da Direcção do Grupo, que endereçou palavras de franco elogio à acção desenvolvida pelo E. C. António Barbosa, durante o exercício do seu cargo, lamentando que, por motivos de saúde, tivesse de aceitar o seu afastamento daquelas funções.

Sugeriu que fosse criada, no Grupo, uma «Ala», ou uma Biblioteca, a que fosse dado o nome deste dedicado chefe, em homenagem ao esforço que com prejuízo da saúde, durante uma década, desenvolveu em prol do «4».

Terminou, congratulando-se pelo facto do grupo ter encontrado novos elementos para preencher as vagas existentes nos seus quadros directivos.

Em seguida, deu posse aos novos chefes, que são os seguintes elementos:

Chefe do grupo: — sr. José Duarte Teixeira; Chefe ajudante: — sr. José Martins dos Santos; Chefe do clã: — Firmino Teixeira de Campos; Chefe da tribo: — Adrião Carneiro de Almeida.

O novo chefe ajudante leu, depois, a ordem de serviço em que o antigo escoteiro-chefe apresenta cumprimentos de despedida e agradecimento a todas as entidades escotistas, pelas atenções que lhe foram dispensadas.

Os escoteiros entoaram a seguir hinos e canções escotistas, findos os quais a sessão foi dada por terminada.

BOLETIM JAGUAR — Não tem sido possível a publicação deste boletim, por motivos de saúde do sr. António Barbosa, actualmente secretário da Direcção do Grupo 4. Logo que a saúde deste nosso amigo o permita, o «Boletim Jaguar» reenceterá a sua publicação.

Se o prezado leitor pedir a um seu amigo para assinar «SEMPRE PRONTO» tenha a certeza de que ele terá muito prazer em anuir ao seu pedido.

O mal do Escotismo não será filho da dispersão da Juventude por organizações similares onde algo falta de Baden-Powell?

Lemos com atenção, a opinião do professor dr. Marcelo Caetano sobre Baden-Powell que, datando de há vinte anos, é sempre oportuna e nos leva a considerar o mal do escotismo filho da dispersão da juventude por organizações similares, onde algo falta do prodígio da sua doutrina.

Baden-Powell, em anos sucessivos de trabalho, conseguiu dar corpo às suas concepções fundamentais e, com exemplar tenacidade, construiu esse prodígio de doutrina e de técnica pedagógica que é o escotismo, diz o prof. dr. Marcelo Caetano, velho e devotado admirador do grande educador que teve a intuição das necessidades da juventude.

Porque alterar, então, um princípio sequer da sua doutrina? Porque não conjugar esforços no sentido de sermos todos escoteiros, procurando, cada um, agir o melhor possível para, a pouco e pouco, eliminarmos as distinções entre brancos e pretos, religiosos e ateus, numa palavra, poderosos e humildes?

Não será a humildade uma virtude?

Baden-Powell, que foi poderoso na sociedade, teria alguma vez deixado de abrir os seus braços ao mais humilde que dele se abeirasse?

Estamos convencidos que não, e, assim, imitemo-lo, porque sem união impossível se torna a verdadeira confraternização.

Joaquim de Sousa Piscarreta

A máquina fotográfica pode provocar enganos

Um certo jornal inglês, que sai aos domingos, viu furo na publicação de uma grande fotografia, mostrando um escoteiro, de 13 anos de idade aproximadamente, segurando um cigarro atrás das costas.

Em letras gordas, aparecia a pergunta: «*O que B.-P. teria dito se tivesse visto isto?*»

O julgamento foi precipitado.

A coisa passou-se na ocasião em que se estava realizando um concurso de bandas de música pertencentes a grupos de escoteiros.

Havia, evidentemente, uma chusma de fotógrafos e um deles, para melhor poder trabalhar, pediu ao tal escoteiro que lhe segurasse no cigarro.

* * *

A mãe do outro escoteiro, que também estava no local, viu depois a fotografia no jornal e revelou que o seu próprio filho estava próximo e, tendo sido solicitado pelo fotógrafo para segurar o cigarro, se tinha escusado, contudo.

O caso foi levado ao conhecimento do editor do jornal o qual respondeu que a fotografia lhes havia sido remetida do exterior, isto, é, não tinha sido tirada pelo seu repórter fotográfico.

Decorridos cerca de 3 meses, e depois de algumas cartas, chegou um pedido de desculpa da agência e a informação de que o fotógrafo tinha sido severamente repreendido.

SEMPRE PRONTO

Número 264

O

Abril de 1967

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Há mais marés que marinheiros...

Algumas curiosidades sobre as marés

Falaram os jornais no passado mês de Março, da *maré do século*, ou seja, da maré do dia 27, com a qual se previa se registassem os níveis mais altos e mais baixos das águas no século em curso.

Afinal, os factos não confirmaram a expectativa, visto que as águas, apesar de terem atingido alturas pouco habituais, não alcançaram, todavia, aquelas que se aguardavam.

O acontecimento vem dar-nos azo a que refiramos algumas curiosidades sobre o fenómeno das marés.

Em Portugal, como se sabe, as marés são semidiurnas, isto é, tanto a maré cheia (preia-mar ou praia-mar), como a maré vazia (baixa-mar) se registam duas vezes por dia. Não acontece, porém, assim, em todas as costas marítimas da Terra.

A ORIGEM DAS MARÉS

As marés são resultantes do fenómeno da *gravitação universal*, que foi definido por Newton, o seu descobridor, da seguinte forma: *Tudo se passa como se os corpos se atraíssem na razão directa das massas desses corpos e na inversa do quadrado das distâncias que os separam.* As marés têm, por conseguinte, a sua origem na atracção exercida tanto pela Lua, como pelo Sol (os outros astros também influenciam as marés, mas de uma forma tão insignificante, devido às enormes distâncias a que se encontram, que a sua acção não é de considerar).

Não obstante a Lua ter dimensões muitíssimo inferiores às do Sol, a atracção por ela exercida é muito mais efectiva (mais do dobro) que a deste, devido à diferença de distâncias a que uma e outro estão da Terra. Isto traz a consequência de ser verdadeiramente a acção da Lua que caracteriza as marés, cabendo ao Sol apenas o papel de provocar, nesse fenómeno, certas modificações.

Outra particularidade: a atracção das águas por um astro não se exerce ùnicamente na face da Terra que, para esse astro, está voltada, mas também na que lhe fica oposta. Daqui resulta a *onda de maré semidiurna* (duas preias-mares e duas baixa-mares em cada dia), visto o tempo da revolução da Lua em relação ao nosso planeta ser aproximadamente de um dia solar (cerca de 24 horas e 50 minutos).

FACTORES QUE INFLUENCIAM AS MARÉS

São inúmeros os factores que influem nas marés, pelo que o seu estudo é bastante complexo. Tanto as massas dos continentes, como as variações das profundidades oceânicas, concorrem para as alterações do mecanismo das marés, porque se opõem ao livre curso das águas.

O facto de só excepcionalmente a Lua (ou o Sol) se encontrar no plano do equador terrestre também tem de ser considerado no estudo das variações das marés, que são muito maiores do que à primeira vista se pode imaginar.

VARIAÇÕES DAS MARÉS

Por isso, nem em todos os pontos do Globo as marés são semidiurnas, como na costa portuguesa, periodicidade esta que é típica das costas atlânticas da Europa e da América do Norte, assim como da costa oeste de Madagáscar e do Golfo de Bengala (Índia). Porém, no Golfo de Tonquim (Indochina) e no Golfo do México, as marés são diurnas, isto é, só há, em cada dia, uma preia-mar e uma baixa-mar! Mas há mais: na ilha de Taiti, no centro do Pacífico, a hora da preia-mar é quase invariável, pelo que se diz que, naquele lugar, é a *onda da maré solar* que predomina.

AS AMPLITUDES DAS MARÉS

Outra curiosidade é a amplitude das marés, ou seja a diferença entre os níveis das águas na maré cheia e na maré vazia, diferença que varia consoante o tipo de costa.

Na costa do norte da França, a amplitude é elevada: na baía do Monte de Saint-Michel chega a atingir os 15 metros; em Cherburgo, 7 metros; em Cayeux, 11,5 metros; em Dieppe, 10,6 metros; e em Cancale, os 15 metros. Já na costa da Biscaia, os valores são menores (3,5 metros em Biarritz).

No Mediterrâneo, a amplitude das marés é nula, salvo em Veneza (Itália) e em Gabés (Tunísia).

Na ilha de Taiti, de que já falámos, a amplitude é muito fraca.

Ainda noutros locais se registam elevadas amplitudes, como no Estreito de Magalhães, na extremidade meridional da América do Sul, onde atinge, por vezes, 18 metros; e na Baía de Fundy, na Nova Escócia (Canadá), onde quase alcança os 20 metros!

Na costa portuguesa, a amplitude é de valor médio, cerca de 3 metros, visto que não existem, nos fundos do nosso litoral, acidentes que alterem a regularidade das marés.

AS MARÉS VIVAS

Por último, não queremos deixar de fazer uma referência às *mares* ou *águas vivas*.

Dado que as marés têm a sua origem na atracção lunar, mas também sofrem idênticos efeitos, ainda que com menor intensidade, da parte do Sol, compreende-se que, quando os dois astros se encontrem em conjunção (lua nova) ou em oposição (lua cheia), exerçam uma atracção mais poderosa, pois, nesses casos, são adicionadas as acções de ambos. Está-se, nessa altura, no período das *águas vivas*, em que as marés alcançam as suas maiores amplitudes.

Porém, quando, a estas condições, se reúnem outras de categoria excepcional que influenciam também as marés, verifica-se então as *grandes marés*, o que acontece, em especial, nas proximidades dos equinócios. Foi o que se deu no passado mês de Março e que colocou os cientistas na expectativa quanto às consequências da baixa-mar do dia 27, que afinal não foram as que se esperavam, visto as águas não terem descido aos níveis que se previam.

A "Meia de Vidro" e os escoteiros

Não é recente a simpatia que a dig.ma Gerência do moderno estabelecimento de malhas e confecções da Rua Augusta «Meia de Vidro» dá por bem dedicar ao movimento escotista, simpatia expressa através de continuadas manifestações de carinho.

No passado mês de Fevereiro, mais uma vez ficou bem patente esse sentimento, pois uma das vitrinas daquele conceituado estabelecimento esteve ocupada por uma exposição comemorativa do aniversário de Baden-Powell, como demonstra a fotografia que publicamos.

Os escoteiros sentem-se gratos por esta deferência dos seus Amigos da «Meia de Vidro».

